

NA MALHA FINA DO TEXTO: O CUIDADOSO TRABALHO DA FILOLOGIA NA EDIÇÃO DE DOCUMENTOS

Maria da Conceição Reis Teixeira*
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz**

RESUMO: *O domínio da filologia está relacionado às tarefas exercidas no âmbito dos textos escritos. Nesse sentido, a filologia é, por excelência, a ciência do texto. A maior parte dos textos que constituem os fundamentos da cultura ocidental chegou até aos dias atuais através das várias cópias, sejam estas manuscritas ou impressas, feitas nos diversos períodos da história da humanidade. Sendo assim, a filologia ocupa-se de preservar, dos enganos do tempo, as idéias e as obras. Buscar-se-á, neste trabalho, mostrar como a filologia se encarrega da edição de documentos, sejam estes literários, notariais, medievais ou modernos, apresentando-os, o mais fielmente possível, em conformidade com a época em que foram produzidos.*

Palavras-chave: Texto; Filologia; Edição.

1. INTRODUÇÃO

“Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.” (MACHADO DE ASSIS, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

O termo filologia é antigo. Atrelado a ele vem o termo filólogo. Na cultura ocidental significava, no sentido helênico e latino, “amor pelo saber e pela literatura”. Em dicionários modernos, encontram-se outras acepções, dentre elas “estudo dos documentos escritos, com vista a autenticá-los”. Lázaro Carreter, no “Diccionario de términos filológicos”, assim define filologia:

Antigamente se designou assim a ciência que se ocupava de fixar, restaurar e comentar os textos literários, tratando de extrair deles as regras do uso lingüístico. Modernamente, ampliou seu campo, convertendo-se na ciência que estuda a linguagem, a literatura e todos os fenômenos de cultura de um povo ou de um grupo de povos por meio de textos escritos. (1981, p. 187)¹

Os autores greco-latinos pós Platão e Aristóteles como Plutarco, Isócrates e Cícero acentuaram a relação da filologia com os estudos literários de caráter erudito. No entanto, foi a partir dos séculos III e II a.C. que a filologia tornou-se a disciplina que se ocupou

* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Pesquisadora do Grupo de Edição de Textos – UEFS (Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq). conceicaoreis@terra.com.br.

** Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Coordenadora dos projetos de pesquisa: “Documentação de Feira de Santana: um trabalho lingüístico-filológico” e “Estudo histórico, filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX”. Líder do Grupo de Edição de Textos – UEFS (Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq). rcrqueiroz@uol.com.br.

¹ Tradução livre das autoras.

fundamentalmente da preservação do patrimônio literário da humanidade. De acordo com Auerbach (1972, p. 11):

A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente. Tal necessidade se fez já sentir na época dita helenística da Antiguidade grega no terceiro século a.C., quando os eruditos que tinham seu centro de atividades em Alexandria registraram por escrito os textos da poesia grega, sobretudo de Homero, dando-lhes forma definitiva.

Modernamente, a filologia não tem como objeto simplesmente o texto literário e sim textos, sejam eles de natureza qualquer. À filologia cabe a tarefa de apresentar o texto, sob sua investigação, depurado de qualquer interferência, pois o seu objetivo é trazer à tona a cultura, a história, a língua, a mentalidade, de uma determinada comunidade em uma determinada época, registradas no documento ora sob análise.

2. AS EDIÇÕES

Diante do documento, o filólogo opta, a depender do tipo de texto que tenha à sua disposição, por um determinado tipo de edição. Esta pode ser: **1. Edição crítica:** quando se deseja reproduzir o autógrafo ou a versão existente mais próxima do original, seguindo-se as operações básicas de *recensio*, *collatio*, estemática, definição do texto de base e dos critérios de transcrição e correção, neste último caso, trata-se da *emendatio*, registrando-se todas as interferências feitas pelo editor no aparato crítico; **2. Edição diplomática ou paleográfica:** reprodução fiel e rigorosa, na qual todas as características do texto são conservadas – erros, lacunas, ortografia, abreviaturas, etc.; **3. Edição semidiplomática ou diplomático-interpretativa:** neste tipo de edição, o filólogo pode corrigir erros por conjectura, desdobrar as abreviaturas, elaborar notas explicativas, atualizar a ortografia, etc. Há outros tipos de edição, tais como: Edição crítico-genética e Edição genética. Contudo, elas não serão aqui nem explicitadas nem exemplificadas.

3. A EDIÇÃO DE DOCUMENTOS MEDIEVAIS

Tomar-se-ão como exemplo dois fólios do tratado “Dos benefícios de Deus”, parte integrante do texto “Castelo Perigoso”. Esta obra consta de duas versões, ou seja, foram feitas duas cópias, no Mosteiro de Alcobaça – Portugal, uma na primeira metade do século XV e a outra provavelmente entre o final do século XV e o início do século XVI. A primeira cópia é designada Manuscrito 199 e a segunda, Manuscrito 214, cotas estabelecidas na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob cuja guarda estão esses textos.

3.1 A Edição Semidiplomática

Optou-se por uma edição semidiplomática por ser um tipo de edição que oferece ao leitor o conhecimento do modo de escrever do homem de qualquer tempo. Assim, a interferência do

editor é mínima, sendo apenas feita em casos previamente identificados. Sendo assim, foram adotados os critérios expostos abaixo.

3.1.1 Critérios Adotados na Edição

1. Transcrição rigorosa do texto original, fólio a fólio, linha a linha;
2. Respeito absoluto pela ortografia e pontuação do texto original;
3. Desenvolvimento das abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito;
4. Manutenção dos Numerais;
5. Colocação entre [] de tudo o que tenha sido interpretado pelo editor ou acrescentado ao texto original: este critério tem por finalidade apresentar ao leitor as intervenções feitas pelo editor nos seguintes casos: omissões devido a rasuras, falhas ou destruição causada pelo tempo;
6. Numeração das linhas.

3.3 As Edições Semidiplomáticas (Conservadoras)

MANUSCRITO 199 – f. 57v	MANUSCRITO 214 – f. 44r
<p style="text-align: center;">Capitulo LXVII como amemoria dos benefícios que nos deus fez he muito boa</p> <p>DE todollos benefícios de nosso Senhor <i>Iehsu christo</i> que 5 nos mouem aoamar . ho dessua paixom he ho mais piadoso. E odeque os pelle jadores de <i>deus</i> sedeuiã armar contra <i>seus</i> Imiigos Por jsto disse sam <i>Pedro</i> . <i>Iehsu</i> <i>christo</i> soffreo por Nos da quells penssamãos <i>uos</i> armaae. EPor que homem nom sepossa escusar . de <i>pequena</i> me moria ou 10 de mingua despaço . eu <i>quero</i> aquy meter breuemête amemo ria de sua paixom . E sam assy como hũas oras <i>pera</i> as de uotas pessoas que nom entendem latym . demouer adeuaçõ e conpaixom . e sam thiradas das oras dolatim <i>que</i> fez o papa Ioham : : : : : \ : \ : \ : \ : \ : : 15 Aqui falleçem as oras dacruz que nom foram tornadas em portugues porque eram em rrimãço em françes E nom pareceriombem sem rrimo \ \ \ \ \ \ \ \ \ \</p> <p style="text-align: center;">Capitulo LXVIII como esta sancta memoria faz a adeuota pesoa fazer lagrimas \ \</p> <p>20 ASy como dissemos <i>primeiro</i> que dos benefícios de Nosso Senhor . que <i>nos</i> mouem aoamar ho da sua paixom</p>	<p>[44r] e ode que os pellejadores dedeus sse deuiã armar cõtra <i>seus</i> jmiguos por jsto disse ssam <i>paulo</i> <i>jehsuo christo</i> soffreo por Nos daquelles penssamẽtos vos armaae e por que homẽ Nom sseposa escusar de<i>pequena</i> memoria ou de mĩgua despaço 5 eu quero aquy meter breue mête amemoria desua paixã essam assy como oras <i>perasdeuotas</i> pessoas quenão entêdem llatym demouer adeuaçam e com paixam essam tyradas das oras do llatym que fez opapa joam Aquy falleçem as oras da cruz que nom foram tornadas 10 em portugues por que eram em rromãço em françes e Nom pareceriam bem ssem rrimo</p> <p style="text-align: center;">Capitollo . LXVIII . como esta ssanta memoreafaz adeuota pesoa fazer llagrimas</p> <p>Assy como disemos <i>primeiro</i> que dos benefícios denoso <i>señor</i> 15 que nos mouem ao amar hodassua paixam he omais py adosso e faz auer aadeuota pesoa llagremas decõpaixam <i>que</i> ssam amarguosas por que Nam ssam sem dor ssegũdosa bem aquelles que oprouaram</p> <p style="text-align: center;">Capitollo LXVIII . do excelentissimo ssacramẽto doaltar ede como os que orecebem deũ ser aparelhados</p> <p>20 Assy hobenefiço que homẽ toma Nossacramẽto doaltar he detodos outros ã este destero heomais alegre e omais</p>

3.4 As Edições Crítica e Modernizada

EDIÇÃO CRÍTICA	EDIÇÃO MODERNIZADA
<p>[57v] Capítulo LXVII Como a memória dos benefícios que nos Deus fez é muito boa.</p> <p>De tôdolos benefícios de Nosso Senhor Jesu Cristo que nos movem ao amar, o de sua paixom é o mais piadoso, e o de que os pelejadores de Deus se deviam armar contra seus imigos. Por isto disse Sam Pedro: “Jesu Cristo sofreu por nós, daqueles pensamentos vos armae.” E por que homem nom se possa escusar de pequena memória ou de míngua d’espaco, eu quero aqui meter brevemente a memória de sua paixom. E sam assi como ãas horas pera as devotas pessoas que nom entendem latim, demover a devaçom e compaixom, e sam tiradas das horas do latim que fez o Papa Joam.</p> <p>Aqui faleçem as horas da cruz que nom foram tornadas em português porque eram em rimaço em françês e nom pareceriom bem sem rimo.</p> <p>Capítulo LXVIII Como esta sancta memória faz à devota pessoa fazer lágrimas.</p> <p>Assi como dissemos primeiro que dos benefícios de Nosso Senhor que nos movem ao amar o da sua paixom</p> <hr/> <p>1. Nossol] B: Noso ; Jesu Cristo] B: Ø ; ao amar] B: ao amor , C: a o amar ; 2. paixom] B: paixam ; 3. imigos] B: jmiguos ; daqueles] C: daquele ; 4. armae] B: armaar; 5. míngua] B: mĩgua ; 6. paixom.] B: paixã ; ãas] B: Ø ; pera as] B: peras ; nom] B: não; 7. devaçom] B: deuaçam, C: devoçom ; compaixom] B: com paixam ; o Papa] C: a papa ; 8. foram] B: foram; português] C: português; 9. rimaço] B: rromãço ; pareceriom] B: pareceriam ; 10. Capítulo] B: Capitollo ; sancta] B: ssanta, C: Ø ; à] A: a a , B: a , C: aa ; pessoa] A, B: pesoa ; 11. Assi] A: Asy ; dissemos] B: disemos ; Nossol] B: noso; 12. ao amar] C: a o amar; da sua] C: de sua ; paixom] B: paixam ;</p>	<p>[57v] Capítulo LXVII Como a memória dos benefícios que Deus nos fez é muito boa.</p> <p>De todos os benefícios de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos movem ao amar, o de sua Paixão é o mais piedoso, e o de que os pelejadores de Deus se deviam armar contra seus inimigos. Por isto, disse São Pedro: “Jesus Cristo sofreu por nós, daqueles pensamentos vos armai.” E, porque homem não se possa escusar de pequena memória ou de míngua de espaco, eu quero aqui meter brevemente a memória de sua Paixão. E são assim como umas horas para as devotas pessoas que não entendem latim, demover a devoção e compaixão, e são tiradas das horas do latim que fez o Papa João.</p> <p>Aqui falecem as Horas da Cruz que não foram tornadas em português porque eram em romanço, em francês, e não pareceriam bem sem rimo.</p> <p>Capítulo LXVIII Como esta santa memória faz à devota pessoa fazer lágrimas.</p> <hr/> <p>Pedro: Apóstolo de Jesus Cristo. “Com efeito para isto é que vós fostes chamados, pois que o Cristo também sofreu por nós, deixando-vos o exemplo, para que sigais as suas pegadas.” : I Pedro 2, 21 / “Tendo, pois, Cristo, sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento: aquele que sofreu na carne, deixou de pecar, para viver durante o tempo que lhe resta na carne, não segundo as paixões do homem, mas segundo a vontade de Deus.” I Pedro 4, 1-2 / “... mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens e sendo reconhecido por condição como homem. Humilhou-se a si mesmo, fez-se obediente até a morte e morte de cruz.”: Filipenses 2, 7-8 / “Mas Deus demonstrou seu amor para conosco porque morreu por nós quando ainda éramos pecadores.”: Romanos 5, 8</p> <p>míngua: falta demover: dissuadir Papa João XXII (1244 – 1334): Francês, segundo papa de Avignon, eleito em 7 de agosto de 1316, foi um dos poucos papas acusados de heresia, neste caso devido à crença declarada de que os santos não contemplam Deus (a visão beatífica) antes do Juízo Final. Entre seus atos consta a condenação de 22 sentenças de mestre Eckart (=1327), o famoso místico alemão. Morreu em 4 de dezembro de 1334, aos 89 anos. romanço: romance, cada uma das variedades surgidas da evolução do latim falado pelas populações que ocupavam as diversas regiões que formavam o Império Romano, e que se constituiu na fase preliminar de uma dada língua românica.</p>

4. A EDIÇÃO DE DOCUMENTOS MODERNOS

Tomar-se-á como exemplo um trecho do VII capítulo da quinta parte do segundo volume do romance “Sampauleiro: romance de costumes sertanejos”, do escritor baiano João Gumes. Esta obra consta de três versões, sendo uma manuscrita (SP), uma versão pré-textual, publicada no Jornal *A Penna* (SPF) e uma publicação textual de 1929 (SP1).

4.1 A Edição Crítica

Optou-se por uma edição crítica modernizadora porque o objetivo fim do trabalho de resgate da obra de João Gumes é divulgá-la, portanto, não se justificaria oferecer um texto que apresentasse ao leitor moderno dificuldades de leitura uma vez que, ao lado do texto crítico, apresenta-se o aparato de variantes, no qual são registradas as interferências do editor.

O modelo de edição adotado permite ao leitor ter, à esquerda, acesso ao texto crítico; à direita, ao aparato de variantes que lhe possibilita fazer suas próprias análises sobre a tradição e as particularidades ortográficas; abaixo, as notas de rodapé, contendo informações sobre divergências entre o testemunho manuscrito e os impressos.

4.1.1 Critérios Adotados na Edição

1. Respeitam-se as variantes gráficas.
2. Atualiza-se a grafia das palavras, aplicando, como critério geral, a norma vigente.
3. As formas variantes: utilizam-se as empregadas pelo autor.
4. Mantém-se a pontuação original. Apenas altera-se em situações de manifesto *lapsus calami* ou gralha tipográfica.
5. Conserva-se a grafia original das palavras estrangeiras, pondo-as em itálico.
6. Introduzem-se os acentos de acordo com as normas vigentes.
7. Numera-se o texto, linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco.



Fig.1: Capa do segundo volume do romance “O Sampauleiro”

4.2 A Edição Crítica

VII

- 5 Retirando-se, Abílio levava em sua alma de moço orgulhoso e fidalgo, um despeito que chegava às proporções do furor que, em sua insânia, vota um ódio irrefreável a tudo quanto esteja presente à vista e às reminiscências. Sentia-se vulnerado em seus brios de homem da melhor sociedade, honrado e intangível em seus foros de endinheirado e, por isso, insuspeito. Entretanto, fora enxotado² da casa de uma mulher que
- 10 o devia ter em melhor conta, a quem levava a afirmação de grande afeto que lhe votava e a quem em nada ofendera; pois revelar-lhe a admiração que os seus dotes físicos despertavam-lhe, oferecer-lhe os seus ofícios na situação apertada em que estava, antes devia
- 15 ser motivo para o seu contentamento e gratidão.

SP: Retirando-se da casa de d. Maria, Abilio; SPF, SP1: Abilio SPF, SP1: ás proporções; insania; ódio; irrefreavel; á vista; ás reminiscencias SPF, SP1: intangível SPF, SP1: edinheirado SP1, SPF: Etretando(,); SP: enxotado de um casebre a que deu a honra da sua visita; SPF, SP1: afirmação; affecto SPF, SP1: offendera SPF, SP1: physicos; offerecer-lhe; officios

Virtude! Suponha-se ela, em seu orgulho desmarcado, um ente privilegiado? A tal virtude tão preconizada não passa de uma convenção. Bem o dizia seu mestre, o grande filósofo paulista Júlio

SPF, SP1: Suppunha-se; ella

SPF, SP1: philosopho

² O manuscrito apresenta estrutura narrativa diferente dos impressos: “Entretanto fora enxotado de um casebre a que deu a honra da sua visita, por gente pobre, miseravel, sem compostura nem educação, desconhecida e que nenhuma consideração merece, como si elle fosse um cão desprezível da equalha de tal gente ordinaria! E porque? Pela simples razão de, como homem da sociedade, usar gentilezas com uma mulher orgulhosa, esposa de um tabaréo grosseiro e chapado a que preferiu por capricho e talvez... ou mais certo, por ser mais robusto...”

N’este ponto das suas cogitações o vil despeitado teve um sorriso satirico, que mais parecia a carranca de um demonio, lembrando-se do autor d’ “A Carne” seu antigo mestre no collegio paulista e cujas torpes e immundas palestras ouviu muitas vezes. As absurdas e immorales theorias de Julio Ribeiro encontraram no seu espirito terreno fecundo para o seu cultivo e desenvolvimento. Para o infame discipulo a virtude feminina não passa de uma convenção; o casamento é igual ao concubinato; a mulher uma propriedade reconhecida pelas leis humanas, uma posse garantida pelo direito que o egoismo dos masculos dominadores do mundo [↑forjou]; um instrumento de goso ou de luxo que, para se conter dentro dos limites da tão preconizada quão contida virtude, é preciso que o seu proprietario ou posseiro afogue, satisfaça em seus desenfreados appetites, em seus caprichos e vaidades de desmioladas. O marido d’aquella mulher orgulhosa satisfazi-a em tudo isso? Estava certo que não. Si, porventura, ella mostrava-se irredutível e supunha-se uma Lucrecia fanatica e idiota que preferisse a morte ao que suppunha deshonra, era porque Seraphim, o atrazado e pretencioso mestre-escola da roça, com a sua austeridade piegas de cérbero guardados d’aquell[es] thesouro de virtudes, impunha-lhe aquelle modo de proceder até que o seu legitimo dono – segundo o seu modo de pensar idiota – voltasse rico e capaz de satisfazer à virtuosa em seus desejos e caprichos. D’ahi... quem sabe? – continuava a pensar, de novo com o seu sorriso de demonio despeitado – Há segredos insondaveis n’esses ninhos de virtudes que se conservam irredutíveis na apparencia. O que se passa n’aquela tabernaculo onde dizem que a// tão falada virtude teve assento? O velho guarda dos thesouros alheios tem filhos, marmanjos robustos... Aqui demorava em suas cogitações odiosas e satanicas fazendo um esgar de contentamento.

E Abilio, no seu odio de energumeno, avançava as mais torpes e indignas <apreciações> [↑aproprições acerca] do caracter de d. Maria, carregando de uma ironia acerba as palavras que acima sublinhamos. Si aquella hypocrita–continuava elle comsigo – não estivesse prevenido por aquelle aza, cederia; mas o velho infame, mais uma vez quando fazer praça de honesto e tornar conhecida a sua intrasigencia hypocrita de terrível e invencível guardador da honra alheia, soube preparar o espirito da outra contra um possivel assalto d’aquelle a quem votava antipathia e má vontade.”

- | | | |
|----|---|--|
| 20 | Ribeiro, com quem esteve em contato por três anos, e cujas sábias lições ficaram gravadas na sua retentiva como uma verdade incontestável. A mulher não passa de um animal de estimação que se afeiçoa a quem melhor lhe satisfaz os apetites. Falhe esse alimento, | SPF, SP1: contacto; tres; annos
SP1, SPF: sabias |
| 25 | como também o afago às suas vaidades pueris, o afeto estiola-se, resseca como a planta descurada e não umedecida, para renascer vivaz quando outro desvelado cultor vem em seu auxílio. E se muitos por ela se desvelam com igual carinho, sabe a hipócrita a | SPF, SP1: incontestavel
SPF, SP1: affeicôa
SPF, SP1: appetites; Fa-lhe
SPF, SP1: tambem; ás suas;
affecto; resécca |
| 30 | todos compensar o cuidado que lhe prestam. | SPF, SP1: humedecida
SPF, SP1: auxilio; si
SPF, SP1: ella; equal
SPF, SP1: hypocrita |

CONCLUSÃO

Sendo a filologia a ciência do texto, esta busca oferecer às diversas áreas do conhecimento, sejam elas a Linguística, a Literatura, a Pragmática, a Sociolinguística, a História – dentre outras, textos confiáveis, ou seja, que podem ser investigados de forma segura. A partir do texto editado pelo filólogo, este pode ser estudado na sua mais profunda essência, pois dele foram preservados os seus elementos retóricos, estilísticos e estéticos.

Espera-se que, ao apresentar edições de textos de épocas e de naturezas distintas, estas possam servir de fonte de estudo para quaisquer pesquisadores. Com a edição dos documentos está atrelada a sua preservação. Estudá-los sob a metáfora da “malha fina” significa preservá-los, quer dizer que não se deixou passar nada, que o texto foi totalmente depurado, i. e., fidedigno e apto para qualquer tipo de análise.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 11-18.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Iniciação em crítica textual**. Rio de Janeiro: Presença/Edusp, 1987.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARENA, C. Filologia. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. p. 200-217. v. 17.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. A Filologia e seu objeto: diferentes perspectivas de estudo. **Revista Philologus**, Círculo fluminense de estudos filológicos e lingüísticos, ano 9, n. 26. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br>> . Acesso em: 26 de maio 2005.
- CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha ; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 511-520.

- CONTINI, Gianfranco. **Breviario di ecdotica**. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1990.
- CUNHA, Celso. O ofício de filólogo. In: PEREIRA, Cilene da Cunha (Org.). **Sob a pele das palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 341-359.
- ELIA, Sílvio. A Crítica Textual em seu contexto sócio-histórico. In: ENCONTRO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA, 3, 1991. **Anais...** João Pessoa: UFPB/APML/FECP/FCJA, 1993. p. 57-64.
- GUERRA, Antonio Guzmán ; CALLER, Paloma Tejada. **Cómo estudiar filología?** Madrid: Alinaza Editorial, 2000.
- LAUFER, Roger. **Introdução à textologia**: verificação, estabelecimento e edição de textos. Tradução Leda Tenório. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LÁZARO CARRETER, Fernando. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. corr. Madrid: Gredos, 1981.
- MARIANA, Manuel Sánchez. **Introducción al libro manuscrito**. Madrid: Arco/Libros, 1995.
- QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. “**Dos benefícios de Deus**”, “**Livro da consciência e do conhecimento próprio**”, “**Da amizade e das qualidades do amigo**”: Edição e vocabulário onomasiológico de três tratados da obra ascético-mística “**Castelo Perigoso**” (Cód(s). ALC 199 e ALC 214. 2002. 475 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- REIS, Maria da Conceição Souza. **O Sampauleiro: romance de João Gumes**. 2004. 520 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- REYNOLDS, Leighton D. ; WILSON, Nigel G. Crítica textual. In: **Copistas y filólogos**: las vías de transmisión de las literaturas griega y latina. Madrid: Gredos, 1986.
- SPAGGIARI, Barbara ; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**: crítica textual. 2. ed. revisada e atualizada. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.
- STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **A lição do texto**: filologia e literatura, Idade Média. Tradução Alberto Pimenta. Lisboa: Edições 70, 1979. v. 1.
- TAVANI, Giuseppe. A Recuperação do texto. In: **Estudos universitários de língua e literatura**: homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p. 565-572.
- TELLES, Célia Marques. Que textos são oferecidos aos estudantes? **Revista do GELNE - Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste**, João Pessoa, v. 5, n. 1 e 2, p. 21-28, 2003.

_____. A Crítica textual no Brasil: um esboço historiográfico. **Estudos lingüísticos e literários**, Salvador, n. 21/22, p. 39-58, 1998.